



Universidade da Amazônia

# As Viagens

de Olavo Bilac



**NEAD – NÚCLEO DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA**

Av. Alcindo Cacela, 287 – Umarizal

CEP: 66060-902

Belém – Pará

Fones: (91) 210-3196 / 210-3181

[www.nead.unama.br](http://www.nead.unama.br)

E-mail: [uvb@unama.br](mailto:uvb@unama.br)

**As Viagens**  
de Olavo Bilac

I

Primeira migração.

Sinto às vezes ferir-me a retina ofuscada  
Um sonho: — A Natureza abre as perpétuas fontes;  
E, ao dano criador que invade os horizontes,  
Vejo a Terra sorrir à primeira alvorada.

Nos mares e nos céus, nas rechãs e nos montes,  
A Vida canta, chora, arde, delira, larada.  
E arfa a Terra, num parto horrendo, carregada  
De monstros, de mamuts e de rinocerontes.

Rude, uma geração de gigantes acorda  
Para a conquista. A uivar, do refugio das furnas  
A migração primeira, em torvelins, transborda.

E ouço, longe, rodar, nas primitivas eras,  
Como uma tempestade entre as sombras noturnas,  
O estrupido brutal dessa invasão de feras.

II

Os fenícios.

Ávida gente, ousada e moça! Ávida gente!  
Desse estéril torno, desse areal maninho  
Entre o Líbano e o mar da Síria, — que caminho  
Busca, turvo de febre, o vosso olhar ardente?

Tiro, do vivo azul do pélogo marinho;  
Branca, nadando em luz, surge resplandecente...  
Na água, aberta em clarões, chocam-se de repente  
Os remos. Rangem no ar os velames de linho.

Hiram, com o cetro negro em que ardem pedrarias,  
Conta as barcas de cedro, atupidas de fardos  
De ouro, púrpura, ônix, sedas e especiarias.

Sus! Ao largo! Melcarte abençoe a partida  
Dos que vão de Sídon, de Gebel e de Antardus  
Dilatar o comércio e propagar a Vida!

III

Israel.

Caminhar! Caminhar!... O deserto primeiro,  
O mar depois... Areia e fogo... Foragida,  
A tua raça corre os desastres da vida,  
Insultada na pátria e odiada no estrangeiro!

Onde o leite, onde o mel da Terra Prometida?  
— A guerra! a ira de Deus! o êxodo! O cativoiro!  
E, molhada de pranto, a oscilar de um salgueiro,  
A tua harpa, Israel, a tua harpa esquecida!

Sem templo, sem altar, vagas perpetuamente.  
E, em torno de Sião, do Líbano ao mar Morto,  
Fulge, de monte em monte, o escárnio do Crescente:

E, impassível, Jeová te vê, do céu profundo,  
Náufrago amaldiçoado a errar de porto em porto,  
Entre as imprecações e os ultrajes do mundo!

#### IV

Alexandre.

Quem te cantara um dia a ambição desmarcada,  
Filho da heráclia estirpe! e o clamor infinito  
Com que o povo da Emátia acorreu ao teu grito,  
Voando, como um tufão, sobre a terra abrasada!

Do Adriático mar ao Índus, e do Egito  
Ao Cáucaso, o fulgor do aceiro dessa espada  
Prosternava, a tremer, sobre a lama da estrada,  
Ídolos de ouro e bronze, e esfinges de granito.

Mar que regouga e estronda, espedaçando diques,  
- Aos confins da Ásia rica as falanges corriam, Encrespadas de fúria e erriçadas de  
piques.

E do sangue, do pó, dos destroços da guerra,  
Aos teus pés, palpitando, as cidades nasciam,  
E a Alma Grega, contigo, avassalava a Terra!

#### V

César.

Na ilha de Seine. O mar brame na costa bruta.  
Gemem os bardos. Triste, o olhar por céus em fora  
Uma druidisa alonga, e os astros mira, e chora  
De pé, no limiar de tenebrosa gruta.

Abandonou-te o deus que a tua raça adora,  
Pobre filha de Teut! César aí vem! Escuta

O passo das legiões! ouve o fragor da luta  
E o alto e crebro clangor da bucina sonora!

D<sub>05</sub> Alpes, sacudindo as asas de ouro ao vento,  
As grandes águias sobre os domínios gauleses  
Descem, escurecendo o azul do firmamento...

E já, do Interno mar ao mar Armoricano,  
Retumba o entrecocar dos rútilos pavese  
Que carregam a' glória o imperador romano.

## VI Os bárbaros.

Ventre nu, seios nus, toda nua, cantando  
Do esmorecer da tarde ao ressurgir do dia,  
Roma lasciva e louca, ao rebramar da orgia,  
Sonhava, de triclínio em triclínio rolando.

Mas lá da longe Cítia e da Germânia fria,  
Esfaimado, rangendo os dentes, como um bando  
De lobos o sabor da presa antegozando,  
O tropel rugidor dos bárbaros descia.

Ei-los! A erva, aos seus pés, mirra. De sangue cheios  
Turvam-se os rios. Louca, a floresta farfalha...  
E ei-los, - torvos, brutais, cabeludos e feios!

Donar, Pai da Tormenta, à frente deles corre;  
E a ígnea barba do deus, que o incêndio ateia e espalha, ilumina a agonia a esse  
império que morre...

## VII As Cruzadas. (DIANTE DE UM RETRATO ANTIGO)

Fulge-te o morrião sobre o cabelo louro,  
E avultas na moldura, alto, esbelto e membrudo,  
Guerreiro que por Deus abandonaste tudo,  
Desbaratando o Turco, o Sarraceno e o Mouro!

Brilha-te a lança à mão, presa ao guante de couro.  
Nos peitorais de ferro arfa-te o peito ossudo,  
E alça-se-te o brasão sobre a chapa do escudo,  
Nobre: — em campo de blau sete besantes de ouro.

"Diex le volt!" E, barão entre os barões primeiros  
Foste, através da Europa, ao Sepulcro ameaçado.  
Dentro de um turbilhão de pajens e escudeiros...

E era-te o gládio ao punho um relâmpago ardente!  
E o teu pendão de guerra ondeou, glorioso, ao lado  
Do pendão de Balduíno, imperador do Oriente.

VIII  
As Índias.

Se a atração da ventura os sonhos te arrebatá,  
Conquistador, ao largo! A tua alma sedenta  
Quer a glória, a conquista, o perigo, a tormenta?  
Ao largo! saciarás a ambição que te mata!

Bela, verás surgir, da água azul que a retrata,  
Catai, a cujos pés o mar em flor rebenta;  
E Cipango verás, fabulosa e opulenta,  
Apunhalando o céu com as torres de ouro e prata.

Pisarás com desprezo as pérolas mais belas!  
De mirra, de marfim, de incenso carregadas,  
Se arrastarão, arfando, as tuas caravelas.

E, a aclamar-te Senhor das Terras e dos Mares,  
Os régulos e os reis das ilhas conquistadas  
Se humilharão, beijando o solo que pisares...

IX  
O Brasil.

Para! Uma terra nova ao teu olhar fulgura!  
Detém-te! Aqui, de encontro a verdejantes plagas,  
Em carícias se muda a inclemência das vagas...  
Este é o reino da Luz, do Amor e da Fatura!  
Treme-te a voz aleita às blasfêmias e às pragas,  
Ó nauta! Olha-a, de pé, virgem morena e pura,  
Que aos teus beijos entrega, em plena formosura,  
— Os dous seios que, ardendo em desejos, afagas...  
Beija-a! O sol tropical deu-lhe à pele doirada  
O barulho do ninho, o perfume da rosa,  
A frescura do rio, o esplendor da alvorada...

Beija-a! é a mais bela flor da Natureza inteira!  
E farta-te de amor nessa carne cheirosa,  
Ó desvirginador da Terra Brasileira!

X  
O Voador.

"Padre Bartolomeu Lourenço de  
Gusmão, inventor do aeróstato,  
morreu miseravelmente num

convento, em Toledo, sem  
ter quem lhe velasse a agonia."  
Em Toledo. Lá fora, a vida tumultua  
E canta. A multidão em festa se atropela...  
E o pobre, que o suor da agonia enregela,  
Cuida o seu nome ouvir na aclamação da rua.

Agoniza o Voador. Piedosamente, a lua  
Vem velar-lhe a agonia, através da janela.  
A Febre, o Sonho, a Glória enchem a escura cela,  
E entre as névoas da morte uma visão flutua:

"Voar! varrer o céu com as asas poderosas,  
Sobre as nuvens! correr o mar das nebulosas,  
Os continentes de ouro e fogo da amplidão!..."

E o pranto do luar cai sobre o catre imundo...  
E em farrapos, sozinho, arqueja moribundo  
Padre Bartolomeu Lourenço de Gusmão...

## XI O Pólo.

"Pára, conquistador intemorato e forte!  
Pára! que buscas mais que te enobreça e eleve?  
E tão alegre o sol! a existência é tão breve!  
E é tão fria essa tumba entre os gelos do norte!

Dorme o céu. Numa ronda esquálida, de leve,  
Erram fantasmas. Reina um silêncio de morte.  
Focas de vulto informe, ursos de estranho porte  
Morosamente vão de rastros sobre a neve..."

Em vão!... E o gelo cresce, e espedaça o navio.  
E ele, subjugador do perigo e do medo,  
Sem um gemido cai, morto de fome e frio.

E o Mistério se fecha aos seus olhos serenos...  
Que importa? Outros virão devassar-lhe o segredo!  
Um cadáver de mais... um sonhador de menos...

## XII A Morte.

Oh! a jornada negra! A alma se despedaça...  
Tremem as mãos... O olhar, molhado e ansioso, espia,  
E vê fugir, fugir a ribanceira fria,  
Por onde a procissão dos dias mortos passa.  
No céu gelado expira o derradeiro dia,  
Na última região que o teu olhar devassa!

E só, trevoso e largo, o mar estardalhaça  
No indizível horror de uma noite vazia...

Pobre! por que, a sofrer, a leste e a oeste, ao norte  
E ao sul, desperdiçaste a força de tua alma?  
Tinhas tão perto o Bem, tendo tão perto a Morte!

Paz à tua ambição! paz à tua loucura!  
A conquista melhor é a conquista da Calma:  
— Conquistaste o país do Sono e da Ventura!  
A Missão de Puma  
(Do Evangelho de Buda)

Ora Buda, que, em prol da nova fé, levanta  
Na Índia antiga o clamor de uma cruzada santa  
Contra a religião dos brâmanes, — medita.

Imensa, em torno ao sábio, a multidão se agita:  
E há nessa multidão, que enche a planície vasta,  
Homens de toda a espécie, árias de toda a casta.

Todos os que (a princípio, enchia Brahma o espaço)  
Da cabeça, do pé, da coxa ou do antebraço  
Do deus vieram à luz para povoar a terra:  
— Xátrias, de braço forte armado para a guerra;  
Saquias, filhos de reis; leprosos perseguidos  
Como cães, como cães de lar em lar corridos;  
Os que vivem no mal e os que amam a virtude;  
Os ricos de beleza e os pobres de saúde;  
Mulheres fortes, mães ou prostitutas, cheio  
De tentações o olhar ou de alvo leite o seio;  
Guardadores de bois; robustos lavradores,  
A cujo arado a terra abre em frutos e flores;  
Crianças; anciãos; sacerdotes de Brahma;  
Párias, sudras servis rastejando na lama;

— Todos acham amor dentro da alma de Buda,  
E tudo nesse amor se eterniza e transmuda.  
Porque o sábio, envolvendo a tudo, em seu caminho  
Na mesma caridade e no mesmo carinho,  
Sem distinção promete a toda a raça humana  
A bem-aventurança eterna do Nirvana.

Ora, Buda medita.  
À maneira do orvalho,  
Que, na calma da noite, anda de galho em galho  
Dando vida e umidade às árvores crestadas,  
— Aos corações sem fé e às almas desgraçadas  
Concede o novo credo a esperança do sono:  
Mas... as almas que estão, no horrível abandono

Dos desertos, de par com os animais ferozes,  
Longe de humano olhar, longe de humanas vozes,  
A rolar, a rolar de pecado em pecado?.

Ergue-se Buda:

"Puma!"

O discípulo amado

Chega:

"Puma! é mister que a palavra divina  
Da água do mar de Omã à água do mar da China,  
Longe do Indus natal e das margens do Ganges,  
Semeies, através de dardos, e de alfanjes,  
E de torturas!"

Puma ouve sorrindo, e cala.  
No silêncio em que está, um sonho doce o embala.  
No profundo clarão do seu olhar profundo  
Brilham a ânsia da morte e o desprezo do mundo.  
O corpo, que O rigor das privações consome,  
Esquelético, nu, comido pela fome,  
Treme, quase a cair como um bambu com o vento;  
E erra-lhe à flor da boca a luz do firmamento  
Presa a um sorriso de anjo.

E ajoelha junto ao Santo:

Beija-lhe o pó dos pés, beija-lhe o pó do manto.

"Filho amado! — diz Buda — essas bárbaras gentes  
São grosseiras e vis, são rudes e inclementes;  
Se os homens (que, em geral, são maus os homens todos)  
Te insultarem a crença, e a cobrirem de apodos,  
Que dirás, que farás contra essa gente inculta?"

"Mestre! Direi que é boa a gente que me insulta,  
Pois, podendo ferir-me, apenas me injuria..."

"Filho amado! e se a injúria abandonando, um dia  
Um homem te espancar, vendo-te fraco e inerme,  
E sem piedade aos pés te pisar, como a um verme?"

"Mestre! direi que é bom o homem que me magoa,  
Pois, podendo ferir-me, apenas me esbordoa..."

"Filho amado! E se alguém, vendo-te agonizante,  
Te furar com um punhal a carne palpitante?"

"Mestre! direi que é bom quem minha carne fura,  
Pois, podendo matar-me, apenas me tortura..."  
"Filho amado! e se, enfim, sedentos de mais sangue,  
Te arrancarem ao corpo enfraquecido e exangue



O último alento, o sopro último da existência,  
Que dirás, ao morrer, contra tanta inclemência?"  
"Mestre! direi que é bom quem me livra da vida.  
Mestre! direi que adoro a mão boa e querida,  
Que, com tão pouca dor, minha carne cansada  
Entrega ao sumo bem e à suma paz do Nada!"

"Filho amado! — diz Buda — a palavra divina,  
Da água do mar de Omã à água do mar da China,  
Longe do Indus natal e dos vales do Ganges,  
Vai levar, através de dardos e de alfanjes!  
Puma! ao fim da Renúncia e ao fim da Caridade  
Chegaste, estrangulando a tua humanidade!  
Tu, sim! podes partir, apóstolo perfeito,  
Que o Nirvana já tens dentro do próprio peito,  
E és digno de ir pregar a toda raça humana  
A bem-aventurança eterna do Nirvana!"

Sagres

"Acreditavam os antigos celtas,  
do Guadiana espalhados até  
a costa, que, no templo circular  
do Promontório Sacro, se reuniam  
à noite os deuses, em misteriosas  
conversas com esse mar cheio  
de enganos e tentações."

OL. MARTINS. — Hist. de Portugal.

Em Sagres. Ao tufão, que se desencadeia,  
A água negra, em cachões, se precipita, a uivar;  
Retorcem-se gemendo os zimbros sobre a areia.  
E, impassível, opondo ao mar o vulto enorme,  
Sob as trevas do céu, pelas trevas do mar,  
Berço de um mundo novo, o promontório dorme.

Só, na trágica noite e no sítio medonho,  
Inquieto como o mar sentindo o coração,  
Mais largo do que o mar sentindo o próprio sonho,  
— Só, aferrando os pés sobre um penhasco a pique,  
Sorvendo a ventania e espiando a escuridão,  
Queda, como um fantasma, o Infante Dom Henrique...

Casto, fugindo o amor, atravessa a existência  
Imune de paixões, sem um grito sequer  
Na carne adormecida em plena adolescência;  
E nunca aproximou da face envelhecida  
O nectário da flor, a boca da mulher,  
Nada do que perfuma o deserto da vida.  
Forte, em Ceuta, ao clamor dos pífanos de guerra,  
Entre as mesnadas (quando a matança sem dó  
Dizimava a moirama e estremecia a terra),

Viram-no levantar, imortal e brilhante,  
Entre os raios do sol, entre as nuvens do pó,  
A alma de Portugal no aceiro do montante.

Em Tanger, na jornada atroz do desbarato,  
— Duro, ensopando os pés em sangue português,  
Empedrado na teima e no orgulho insensato,  
Calmo, na confusão do horrendo desenlace,  
— Vira partir o irmão para as prisões de Fez,  
Sem um tremor na voz, sem um tremor na face.

É que o Sonho lhe traz dentro de um pensamento  
A alma toda cativa. A alma de um sonhador  
Guarda em si mesma a terra, o mar, o firmamento,  
E, cerrada de todo à inspiração de fora,  
Vive como um vulcão, cujo fogo interior  
A si mesmo imortal se nutre e se devora.

"Terras da Fantasia! Ilhas Afortunadas,  
Virgens, sob a meiguice e a limpidez do céu,  
Como ninfas, à flor das águas remansadas!  
— Pondo o rumo das naus contra a noite horrorosa  
Quem sondara esse abismo e rompera esse véu,  
Ó sonho de Platão, Atlântida formosa!

Mar tenebroso! Aqui recebes, porventura,  
A síncope da vida, a agonia da luz?  
Começa o Caos aqui, na orla da praia escura?  
E a mortalha do mundo a bruma que te veste?  
Mas não! por trás da bruma, erguendo ao sol a Cruz,  
Vós sorrídes ao sol, Terras Cristãs do Preste!

Promontório Sagrado! Aos teus pés, amoroso,  
Chora o monstro... Aos teus pés, todo o grande poder,  
Toda a força se esvai do oceano Tenebroso...  
Que ansiedade lhe agita os flancos? Que segredo,  
Que palavras confia essa boca, a gemer,  
Entre beijos de espuma, à algidez do rochedo?

Que montanhas mordeu, no seu furor sagrado?  
Que rios, através de selvas e areais,  
Vieram nele encontrar um túmulo ignorado?  
De onde vem ele? Ao sol de que remotas plagas  
Borbulhou e dormiu? Que cidades reais  
Embalou no regaço azul de suas vagas?

Se tudo é morte além, — em que deserto horrendo,  
Em que ninho de treva os astros vão dormir?  
Em que solidão o sol sepulta-se, morrendo?  
Se tudo é morte além, por que, a sofrer sem calma,

Erguendo os braços no ar, havemos de sentir  
Estas aspirações, como asas dentro da alma?"

E, torturado e só, sobre o penhasco a pique,  
Com os olhos febris furando a escuridão,  
Queda como um fantasma o Infante Dom Henrique...  
Entre os zimbros e a névoa, entre o vento e a salsugem,  
A voz incompreendida, a voz da Tentação  
Canta ao surdo bater dos macaréus que rugem:

'Ao largo, Ousado! o segredo  
Espera, com ansiedade,  
Alguém privado de medo  
E provido de vontade...

Verás destes mares largos  
Dissipar-se a cerração!  
Aguça os teus olhos, Argos:  
Tomará corpo a visão...

Sonha, afastado da guerra,  
De tudo! — Em tua fraqueza,  
Tu, dessa ponta de terra,  
Dominas a natureza!

Na escuridão que te cinge,  
Édipo! com altivez,  
No olhar da líquida esfinge  
O olhar mergulhas, e lês...

Tu que, casto, entre os teus sábios,  
Murchando a flor dos teus dias,  
Sobre mapas e astrolábios  
Encaneces e porfias;

Tu, buscando o oceano infindo,  
Tu, apartado dos teus,  
(Para, dos homens fugindo,  
Ficar mais perto de Deus);

Tu, no agro templo de Sagres,  
Ninho das naves esbeltas,  
Reproduzes os milagres  
Da idade escura dos celtas:  
Vê como a noite está cheia  
De vagas sombras... Aqui,  
Deuses pisaram a areia,  
Hoje pisada por ti.

E, como eles poderoso,

Tu, mortal, tu, pequenino,  
Vences o mar Tenebroso,  
Ficas senhor do Destino!

Já, enfunadas as velas,  
Como asas a palpar,  
Espalham-se as caravelas  
Aves tontas pelo mar...

Nessas tábuas oscilantes,  
Sob essas asas abertas,  
A alma dos teus navegantes  
Povoa as águas desertas.

Já, do fundo mar vário,  
Surgem as ilhas, assim  
Como as contas de um rosário  
Soltas nas águas sem fim.

Já, como cestas de flores,  
Que o mar de leve balança,  
Abrem-se ao sol os Açores  
Verdes, da cor da esperança.

Vencida a ponta encantada  
Do Bojador, teus heróis  
Pisam a África, abrasada  
Pela inclemência dos sóis.

Não basta! Avante!  
Tu, morto  
Em breve, tu, recolhido  
Em calma, ao último porto,  
— Porto da paz e do olvido,

Não verás, com o olhar em chama,  
Abrir-se, no oceano azul,  
O vôo das naus do Gama,  
De rostros feitos ao sul...

Que importa? Vivo e ofegando  
No ofego das velas soltas,  
Teu sonho estará cantando  
À flor das águas revoltas.  
Vencido, o peito arquejante.  
Levantado em furacões,  
Cheia a boca e regougante  
De espuma e de imprecações,

Rasgando, em fúria, às unhas

O peito, e contra os escolhos  
Golfando, em flamas iradas,  
Os relâmpagos dos olhos,

Louco, ululante, e impotente  
Como um verme, — Adamastor  
Verá pela tua gente  
Galgado o cabo do Horror!

Como o reflexo de um astro,  
Cintila e a frota abençoada  
No tope de cada mastro  
O Santelmo de Lisboa.

E alta já, de Moçambique  
A Calicut, a brilhar,  
Olha, Infante Dom Henrique!  
— Passou a Esfera Armilar...

Fartar! como um santuário  
Zeloso de seu tesouro,  
Que, ao toque de um temerário,  
Largas abre as portas de ouro,

— Eis as terras feiticeiras  
Abertas... Da água através,  
Deslizem fustas ligeiras,  
Corram ávidas galés!

Aí vão, oprimindo o oceano,  
Toda a prata que fascina,  
Todo o marfim africano,  
Todas as sedas da China...

Fartar!... Do seio fecundo  
Do Oriente abrasado em luz,  
Derramem-se sobre o mundo  
As pedrarias de Ormuz!

Sonha, — afastado da guerra,  
Infante!... Em tua fraqueza,  
Tu, dessa ponta de terra,  
Dominas a natureza!..."

Longa e cálida, assim, fala a voz da Sereia...  
Longe, um roxo clarão rompe o noturno véu.  
Doce agora, ameigando os zimbros sobre a areia,  
Passa o vento. Sorri palidamente o dia...  
E súbito, como um tabernáculo, o céu  
Entre faixas de prata e púrpura irradia...

Tênue, a Príncipe, sobre as pérolas da espuma,  
Dança torvelinhando a chuva de ouro. Além,  
Invadida do fogo, arde e palpita a bruma,  
Numa cintilação de nácar e ametistas...  
E o olhar do Infante vê, na água que vai e vem,  
Desenrolar-se vivo o drama das Conquistas.

Todo o oceano referve, incendiado em diamantes,  
Desmanchado em rubis. Galeões descomunais,  
Crespas selvas sem fim de mastros deslumbrantes,  
Continentes de fogo, ilhas resplandecendo,  
Costas de âmbar, parcéis de aljofres e corais,  
— Surgem, redemoinando e desaparecendo...

É o dia! — A bruma foge. Iluminam-se as grutas.  
Dissipam-se as visões... O Infante, a meditar,  
Como um fantasma, segue entre as rochas abruptas.  
E impassível, opondo ao mar o vulto enorme,  
Fim de um mundo sondando o deserto do mar,  
— Berço de um mundo novo — o promontório dorme.

**Fim**